

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

ANNA CAROLINA DA SILVA FERREIRA

**VARIAÇÃO LEXICAL A PARTIR DA MIGRAÇÃO DE NORDESTINOS PARA SÃO
PAULO**

ALFENAS/MG

2025

ANNA CAROLINA DA SILVA FERREIRA

VARIAÇÃO LEXICAL A PARTIR DA MIGRAÇÃO DE NORDESTINOS PARA SÃO PAULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título Bacharel em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alfenas.

Orientadora: Profa. Dra. Taíse Simioni

ALFENAS/MG

2025

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Ferreira, Anna Carolina da Silva.

Varição Lexical a partir da migração de nordestinos para São Paulo /
Anna Carolina da Silva Ferreira. - Alfenas, MG, 2025.

76 f. -

Orientador(a): Taíse Simioni.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua
Portuguesa) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2025.

Bibliografia.

1. Plasticidade Dialetal. 2. Sociolinguística. 3. Migração. 4. Variação
Lexical. I. Simioni, Taíse, orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

ANNA CAROLINA DA SILVA FERREIRA

VARIAÇÃO LEXICAL A PARTIR DA MIGRAÇÃO DE NORDESTINOS PARA SÃO PAULO

O(A) Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alfenas.

Aprovada em: 21 de novembro de 2025

Prof.^a. Dr.^a Taíse Simioni
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura:  Documento assinado digitalmente
TAISE SIMIONI
Data: 15/12/2025 10:18:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Celso Ferrarezi Júnior
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura:

Prof.^a Dr.^a Antonieta Buriti de Souza Hosokawa
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura:

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à professora Taíse Simioni pela oportunidade de me orientar em todo o processo e desenvolvimento desta pesquisa, por sua constante presença e apoio em cada etapa realizada.

Agradeço também aos meus pais, Josiane Ferreira e Fabrício Ferreira, por toda a força, amor e suporte oferecido ao longo da graduação. Aos meus avós, Maria de Lourdes da Silva e Macildo Silva, pelo apoio e carinho, e, especialmente, por me apresentarem a importância da língua e os significados que ela carrega. Ao meu querido tio Márcio, pelos incentivos e pela dedicação que sempre demonstrou por mim.

Agradeço, ainda, a todos os professores que fizeram parte da minha formação durante a graduação, pelos ensinamentos, pela dedicação e pelo compromisso com o conhecimento, que contribuíram de forma significativa para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Aos colegas que tornaram a experiência universitária mais leve, enriquecedora e divertida. Em especial, ao time de vôlei de Alfenas, PVA – Pinheirinho Voleibol Alfenas, que me mostrou como o esporte pode proporcionar aprendizados, benefícios e experiências incríveis.

A vida é assim:
Esquenta e esfria,
aperta daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.

(Guimarães Rosa, 1956)

RESUMO

O presente trabalho propõe o estudo da plasticidade dialetal no contexto da migração de interioranos nordestinos para a capital de São Paulo. Este trabalho está fundamentado na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, abordando os conceitos de variação e mudança linguística, além de plasticidade dialetal. É objetivo deste estudo analisar a variação lexical a partir do contato entre variedades nordestinas e paulistanas. Para isso, foram selecionadas cinco irmãs de uma família com o intuito de investigar a variação lexical motivada pela migração. As participantes migraram de Cupira (PE) para São Paulo na década de 1970, com o intuito de buscar uma melhora econômica para suas vidas. A pesquisa tem como foco uma abordagem qualitativa, e, por meio de questionário, foram coletados os dados para análise. O questionário foi adaptado de Souza (2023) e complementado com itens do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014) e do Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2013), a partir dos quais foram escolhidos itens lexicais utilizados na cidade de Caruaru (localidade próxima de Cupira) e São Paulo. A escolha das palavras teve o intuito de focar na comparação da utilização dos itens lexicais após a migração e a possível adaptação dialetal das participantes. A partir da análise de dados, verificou-se que as participantes, apesar do longo tempo de residência em São Paulo, promoveram uma identidade linguística cultural própria, marcada predominantemente pela identidade nordestina em manutenção.

Palavras-chave: Plasticidade Dialetal; Sociolinguística; Migração; Variação Lexical.

ABSTRACT

This study proposes an investigation into dialectal plasticity within the context of the migration of Northeastern rural inhabitants to the city of São Paulo. The research is grounded in the perspective of Variationist Sociolinguistics, addressing the concepts of linguistic variation and change, as well as dialectal plasticity. The aim of this study is to analyze lexical variation resulting from the contact between Northeastern and São Paulo varieties. To this end, five sisters from the same family were selected in order to examine the lexical variation motivated by migration. The participants migrated from Cupira (PE) to São Paulo in the 1970s seeking better economic opportunities. The research adopts a qualitative approach, and data were collected through a questionnaire. The questionnaire was adapted from Souza (2023) and supplemented with items from the Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014) and the Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2013), from which lexical items commonly used in Caruaru (a locality near Cupira) and São Paulo were selected. The selection of words aimed to focus on comparing the use of lexical items after migration and the participants' possible dialectal adaptation. Based on the data analysis, it was found that the participants, despite having lived in São Paulo for many years, developed their own sociocultural linguistic identity, predominantly marked by the sustained Northeastern identity.

Keywords: Dialectal Plasticity; Sociolinguistics; Migration; Lexical Variation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese do perfil das participantes.....	23
Quadro 2 - Síntese das categorias.....	29
Quadro 3 - Resultados Participante 1.....	33
Quadro 4 - Resultados Participante 2	35
Quadro 5 - Resultados Participante 3	36
Quadro 6 - Resultados Participante 4	38
Quadro 7 - Resultados Participante 5	40
Quadro 8 - Síntese das questões do tipo escala	42
Quadro 9 - Síntese do questionário semântico-lexical	43

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONCEITUAÇÃO E DELIMITAÇÃO.....	12
2.1	A SOCIOLINGUÍSTICA E SEUS ESTUDOS	12
2.2	ESTUDOS SOBRE O CONTATO ENTRE VARIEDADES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	15
3	METODOLOGIA.....	21
3.1	AS PARTICIPANTES DA PESQUISA	21
3.2	PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS	24
3.3	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES DE DADOS	27
4	TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	31
4.1	AS CATEGORIAS E O QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL...	32
4.2	SÍNTESE DOS RESULTADOS.....	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

A variação linguística é uma característica presente em todas as línguas, manifestando-se em diversos níveis, como o fonético-fonológico, morfossintático e lexical. A Sociolinguística, em sua vertente variacionista, oferece uma base teórica para compreender como fatores linguísticos, sociais, culturais e geográficos, entre outros, influenciam essas variações.

Nesse contexto, temos o fenômeno da plasticidade dialetal (a qual explica a capacidade de adaptação linguística quando pessoas são expostas a variedades linguísticas diferentes da sua variedade de origem), apresentada como objeto de investigação nesta pesquisa. Segundo Souza (2023),

Argumenta-se em favor do uso do termo *plasticidade dialetal* em substituição aos termos acomodação e *aquisição de segundo dialeto*, porque ele consegue não só abarcar todos os processos de adaptação na fala dos migrantes, mas também focaliza as particularidades linguísticas e sociais dos dialetos em contato (SOUZA, 2023, p. 25)

Essa plasticidade é especialmente perceptível em situações de migração interna, como a de nordestinos que se deslocam para grandes centros urbanos no Sudeste, sendo São Paulo um dos principais destinos de aglomeração metropolitana, principalmente da década de 1970 aos anos 2000 (Baeninger, 2005).

Este trabalho busca investigar a plasticidade dialetal no âmbito da variação lexical, analisando como migrantes nordestinos residentes em São Paulo adaptam seu vocabulário ao conviver com as variantes paulistanas. Dessa forma, o objetivo geral é analisar a variação lexical a partir do contato entre variedades nordestinas e paulistanas.

Os objetivos específicos são analisar como o perfil da migração (idade, tempo e motivo da migração) afeta a variação lexical; verificar de que maneira os vínculos com o local de origem influenciam a variação lexical; e observar de que forma os vínculos com o local de destino condicionam a variação lexical.

A pesquisa tem como foco uma abordagem qualitativa, com coleta de dados realizada por meio de questionário semiestruturado, que foi elaborado a partir de atlas linguísticos e adaptado de Souza (2023) para o contexto do estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONCEITUAÇÃO E DELIMITAÇÃO

No Brasil, a diversidade linguística é refletida por meio de inúmeras variedades regionais, que se manifestam na fala cotidiana dos diferentes grupos sociais. Nesta seção tem-se como objetivo apresentar os fundamentos teóricos no campo da Sociolinguística.

Inicialmente, será feita uma apresentação geral do que é a Sociolinguística, destacando seu surgimento, suas principais vertentes e o foco específico na Sociolinguística Variacionista. Em seguida, serão discutidos os principais conceitos e abordagens relacionados à variação linguística, com ênfase no contato entre variedades do português brasileiro. Desta forma, serão apresentados os referenciais teóricos, com destaque para autores como Coelho *et al.* (2019), Tarallo (1997), Oushiro (2020; 2023), Ferraz (2024), Souza (2023), entre outros, cujas contribuições são fundamentais para a compreensão dos fenômenos linguísticos em contextos de contato dialetal e mudança linguística.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E SEUS ESTUDOS

A Sociolinguística tem desempenhado um papel crucial na análise da correlação de aspectos linguísticos e sociais. Todas as línguas apresentam variação linguística, que pode ser explicada de maneira sistemática. Existem formas distintas correspondentes semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo. É importante ressaltar que a Sociolinguística é uma área muito ampla e não é a única que aborda a relação entre língua e sociedade. Por isso, neste texto trataremos da teoria e do método da Sociolinguística Variacionista, a qual também recebe o nome de Sociolinguística Laboviana, pois seu principal teórico foi o estadunidense William Labov.

A Sociolinguística Laboviana ou Variacionista tem como foco as categorias sociais envolvidas na variação. Segundo Tarallo (1997), a Sociolinguística Laboviana surgiu com o intuito de estudar língua e sociedade, insistindo principalmente na sistematização da variação existente e própria da língua falada. O primeiro estudo

de Labov se deu em 1963. Nessa pesquisa, ele verificou a frequência e a distribuição de variantes fonéticas em duas regiões da Ilha de Martha 's Vineyard, com base nos fatores de faixa etária, grupo profissional e étnico. Este trabalho mostrou como é pertinente a questão da identidade e da atitude dos falantes. A ilha era dividida em duas partes, a ilha baixa e a ilha alta. Entre o mês de junho e julho, havia uma grande quantidade de turistas, o que teve como consequência, na ilha, um incômodo de certa parte dos moradores nativos. Os resultados de Labov mostram a relevância, para o fenômeno analisado, das identidades dos falantes, no que diz respeito ao sentimento de pertencimento local, pois aqueles nativos que se identificavam como pertencentes à ilha e eram contrários à presença dos turistas faziam mais a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ para a preservação de sua identidade. Por outro lado, aqueles moradores da ilha que eram a favor ou neutros ao turismo apresentavam uma menor frequência nesta centralização do ditongo. Portanto, Labov tem como conclusão que a variação dos ditongos não estava ligada à estrutura da língua mas sim ao contexto social dos falantes (COELHO *et al.*, 2019, p. 51).

No Brasil, temos uma grande variação no português. Por exemplo, a região do sul do país utiliza mais o pronome “tu” quando há uma interação entre o falante e o ouvinte, e em outras regiões se utiliza mais o pronome “você”. Outro exemplo seria a marca de concordância nominal, como em "os estudo sociolinguístico", que varia com "os estudos sociolinguísticos" e "os estudos sociolinguístico". Também temos a realização do rotacismo como em “framengo”, que coexiste com “flamengo”. Há também usos variados dentro do léxico, que quase sempre estão relacionados à variação regional, como a palavra “mandioca”, que em alguns lugares é chamada por “aipim” ou “macaxeira”. Além desses exemplos, acontecem construções sintáticas como “eu vi *ele*” e “eu o vi”. Esses são alguns dos exemplos de variação na língua. Dentro da sociolinguística, a explicação aplicada a essas variações parte do pressuposto de que essas alternativas, chamadas de variantes, são influenciadas por fatores estruturais e sociais (Mollica, 2003, p. 9).

A variação linguística pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes, como mencionado anteriormente. Segundo Coelho *et al.* (2019), as variantes são formas individuais que a variável pode assumir. Vale dizer que o termo “variável” tem como significado um fenômeno em

variação, isto é, a variável é a unidade da língua que pode apresentar diferentes formas de realização. Mas o uso das variantes não é aleatório, ou seja, ele é influenciado por grupos de fatores de natureza social ou estrutural. Como explica Mollica (2003), os fatores sociais são correlacionados a etnia, gênero, nível de renda, escolarização, classe social, grau de formalidade e tensão discursiva, os quais envolvem o falante e o discurso. Entre os fatores estruturais, Mollica (2003) aponta as questões fonomorfo sintáticas e semânticas, discursivas e lexicais, que se referem às características da língua em diferentes dimensões.

Quando falamos sobre variantes, temos que ter em mente que elas podem permanecer estáveis nos sistemas durante um curto tempo ou até por séculos, entretanto a variante mais antiga também pode variar e ser substituída por uma versão nova. Segundo Coelho *et al.* (2019), esse processo é denominado como mudança linguística. Podemos dar como exemplo o que ocorreu em “vossa mercê”, que, após algumas modificações fonéticas, foi substituído por “você”. Esses processos de mudança ocorrem quando há uma competição entre uma ou duas formas de variantes: a forma inovadora começa sendo pouco utilizada comparada com a forma antiga, e com o passar do tempo seu uso vai se expandindo, aumentando, até que ultrapassa a forma antiga e a substitui (Faraco, 2008). A Sociolinguística deve investigar as mudanças e estabilidades das variações linguísticas e, a partir disso, formalizar seus impactos e prever o comportamento da língua quanto a uma possibilidade ou não de mudança.

Todo sistema linguístico é influenciado por duas partes, a variedade e a unidade, segundo Faraco (2008). Para explicar essas duas influências, o autor utiliza uma metáfora sobre a força centrípeta e a centrífuga aplicadas na língua. Na variação linguística, a força centrípeta age como os elementos que promovem a uniformidade e o nivelamento dentro de uma língua. Faraco utiliza como exemplo de força centrípeta a atuação da linguagem urbana em direção a um nivelamento entre a variedade culta e a popular. Por outro lado, para Faraco, os elementos que promovem a diversidade e a variação dentro de uma língua funcionam como a força centrífuga, sendo, assim, as influências externas à língua. Portanto, as forças centrípeta e centrífuga estão diretamente ligadas às variedades encontradas em uma língua.

Numa perspectiva científica, de acordo com Mollica (2003), todas as formas de expressão linguística são válidas e legítimas. Entretanto, as variações estão todas sujeitas à avaliação social, sendo elas positivas ou negativas, determinando o tipo de inserção do falante na escala social. A análise sociolinguística critica o preconceito linguístico e o ensino que categorizam as variações a partir dos conceitos de certo e errado; em vez disso, enfatiza que a língua possui estilos mais formais e informais, negando a validação do certo e errado imposto por modelos pedagógicos tradicionais e conservadores.

2.2 ESTUDOS SOBRE O CONTATO ENTRE VARIEDADES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Como pioneira dos estudos de atitudes linguísticas, Alves (1979) analisou as atitudes linguísticas de pernambucanos e baianos residentes em São Paulo com relação às variedades linguísticas regionais nativas e paulistas. A pesquisadora partiu da hipótese de que os nordestinos migrantes possuem diferentes atitudes linguísticas entre as variedades paulista e nordestina, descrevendo sobre o relacionamento de aceitação e valorização das variedades paulistana e nordestina. Ademais, essas atitudes estariam ligadas a um nível sócio-econômico-cultural baixo e alto: os migrantes com um nível sócio-econômico-cultural baixo teriam atitudes linguísticas positivas em relação ao dialeto paulista e os de nível sócio-econômico-cultural elevado enalteceriam seu dialeto nativo. Para verificar as hipóteses, a autora coletou dados de 116 participantes por meio de questionários e audições de amostras de falares regionais paulistas e nordestinos. Os participantes foram estratificados considerando a faixa etária, os níveis sociais, a procedência, se eram da capital ou do interior, e o tempo da estadia em São Paulo.

Em conformidade com as hipóteses levantadas, os resultados indicam uma tendência de prestígio às variedades linguísticas regionais nordestinas sendo atribuída a uma maior consciência à fala, ou seja, os grupos com nível sócio-econômico-cultural alto têm uma maior tendência a valorizar os falares nativos. Já os grupos de nível sócio-econômico-cultural baixo têm como tendência estigmatizar os falares nativos em favor do falar de São Paulo.

Em Oushiro (2020), a autora apresenta resultados preliminares do projeto “Processos de acomodação dialetal na fala de nordestinos residentes em São Paulo”. Essa pesquisa tem como foco avaliar quais variáveis linguísticas e sociais se relacionam com padrões de novas variações nas falas dos migrantes. Para a realização do estudo, foram separados dois grupos de 21 migrantes alagoanos e 11 paraibanos, identificados por gênero (Feminino e Masculino), três faixas etárias (12-17; 18-24; +25), dois níveis de escolaridade (Fundamental/médio e superior), proporção da vida em São Paulo, motivo da migração, idade de migração, origem do migrante (rural ou urbano) e tempo de residência em São Paulo. Foram estudadas cinco variáveis sociolinguísticas: a realização da vogal média pretônica /e, o/, como em “relógio”, “romã”; a pronúncia de /r/ em coda silábica e suas variantes como o apagamento, fricativa, retroflexo e tepe, visto no exemplo “porta”; a pronúncia do /t/ e /d/ como em “fia” “dia”; a variável morfológica apresentada na concordância nominal (exemplo: “as casas” ou “as casa”); e a negação sentencial utilizada como “não vi”, “não vi não” e “vi não”. Tanto para a extração automática dos dados, quanto para as análises estatísticas, foi utilizada a plataforma R.

Os resultados indicam que a variável social sexo/gênero não se correlaciona a nenhuma variável linguística estudada. No entanto, as variáveis sociais como a faixa etária, escolaridade e tempo em São Paulo apresentam uma correlação maior às variáveis morfossintáticas, que são a concordância nominal e a negação sentencial. Além disso, é apresentado que há correlação entre as variáveis fonéticas e variáveis sociais, sendo elas o nível de escolaridade, tempo em São Paulo e a proporção de vida em São Paulo, as quais influenciam a produção do fonema /r/. A variável social “idade de migração” influencia na realização de /r/, /e, o/ e /t, d/, especificamente, mas não influencia na variável morfossintática, ou seja, ela está ligada apenas às variáveis fonéticas. Em suma, a pesquisa apresenta como as variáveis podem se comportar e, além disso, a autora observa que os participantes, mesmo que com perfis tão próximos um dos outros, apresentam diferentes empregos para as variantes.

Oushiro *et al.* (2023) têm como foco apresentar pesquisas realizadas pelo Laboratório VARIEM (UNICAMP) sobre a fala de migrantes nordestinos que residem no estado de São Paulo. O texto apresenta a retomada de vários trabalhos

envolvidos no Projeto de Acomodação do Laboratório VARIEM. Os resultados mostram, de modo geral, a diferença de gênero entre os participantes, ou seja, nas variáveis fonéticas, como na realização de /t/ e /d/, a correlação seria significativa para as mulheres sendo favorecedoras das variantes paulistas como [tʃ] e [dʒ]; já nas morfossintáticas, a concordância nominal padrão, por exemplo, também foi analisada e teve como resultado o favorecimento pelas mulheres, ou seja, há correlação significativa entre as variáveis sociolinguísticas e variáveis sociais como gênero. As variáveis fonéticas e morfossintáticas também foram analisadas por idade de migração e tempo de residência.

Nas variáveis fonéticas, há uma correlação mais clara com a idade de migração do falante, pois os falantes tendem a empregar as variantes típicas da comunidade paulista quanto mais cedo chegaram na região, e tal correlação é menos significativa com as variáveis morfossintáticas. Além disso, o tempo de residência em São Paulo não apresenta grandes correlações com as variáveis fonéticas e morfossintáticas. Por fim, Oushiro *et al.* (2023) finalizam o artigo incentivando o desenvolvimento de novas pesquisas sobre as variáveis de migrantes e defendendo que tais estudos podem contribuir para a compreensão acerca da estabilidade da fala adulta, do conhecimento sobre sua gramática e dos processos de variação e mudança linguística.

Em Ferraz (2024), o autor analisa o uso da variável /r/ em coda silábica, como em “barco” ou “cantar”. Esta pesquisa foi constituída por 20 participantes baianos que migraram para Palmares Paulista, no interior de São Paulo, estratificados por gênero, escolaridade, idade de migração e tempo de residência. Os resultados gerais indicam que os migrantes baianos passaram por processos de adaptação linguística na utilização do /r/ em coda silábica, ou seja, as ocorrências de adaptação são apresentadas no apagamento do /r/. De acordo com a análise sobre a alternância entre a variante retroflexa, característica de Palmares Paulista, e a fricativa, característica de variedades baianas, há correlação com os preditores sociais como tempo de residência e escolaridade. Além disso, a interação com o contexto interfere na utilização das variantes. A partir da escolaridade, o autor mostra em seus resultados que os migrantes com um nível de escolaridade mais alto favorecem a variante paulista. Já a idade de migração não se mostra correlacionada à aquisição do retroflexo pelos baianos. O autor frisa que a variante retroflexa tem

uma maior probabilidade de uso na fala dos baianos que estão há mais tempo em São Paulo; já o apagamento não possui relação com as variáveis sociais, mas ocorre com uma maior tendência em verbos infinitivos, como “andar”, e nos contextos em que os falantes estão inseridos, sendo eles mais monitorados, como a leitura de notícias, ou menos monitorados, como a conversação, a qual favorece o apagamento. Quando a variável é analisada por gênero, Ferraz (2024) nota que as proporções não são correlacionadas, logo tanto baianos quanto baianas que estão há mais tempo em São Paulo, em contextos menos monitorados e com o /r/ em posição final de palavra, tendem a utilizar mais a variante retroflexa.

A partir deste momento, o foco das pesquisas que serão apresentadas se volta à variação lexical, a qual é a variável explorada no desenvolvimento desta pesquisa. As pesquisas que estudam a variação lexical permitem uma análise aprofundada de como diferentes grupos ou regiões utilizam o léxico durante a adaptação e a acomodação linguística.

Em Figueiredo (2014), a autora utiliza a Dialectologia Pluridimensional e Geolinguística como fundamentação teórica. Este trabalho descreve os comportamentos linguísticos de migrantes gaúchos em contato com outras variedades regionais da língua portuguesa no norte do Mato Grosso. Para essa pesquisa, foram selecionados 16 participantes, estratificados por: sexo (homem; mulher), faixa etária (18-36 anos; +50 anos), procedência étnico-linguística (português; alemão; italiano) e escolaridade (até o Ensino Médio; Ensino superior). Figueiredo (2014) analisou como ocorre a distribuição das variantes, ou seja, verificou em que medida a variedade “gaúcha” original se mantém, varia ou perde suas marcas linguísticas e, para isso, considerou as influências de diferentes condicionadores. A autora observou um conjunto de variáveis fonéticas e fonológicas, como, por exemplo, a palatalização das dentais /t/ e /d/ diante de /i, e/, como em “mentira” e “tarde”, e a realização da vibrante /r/ em “arroz”; também foram apresentadas variáveis lexicais, como em “mandioca” [+RS] ou “macaxeira” [-RS] e “bergamota” [+RS] e “mexerica” [-RS]. Segundo a síntese de Souza (2023), Figueiredo (2014) obteve resultados em que o grupo dos mais velhos tende a priorizar os traços da comunidade matriz [+RS], enquanto o grupo dos mais jovens prefere utilizar os aspectos linguísticos menos regionais [-RS]; também concluiu que as mulheres utilizam mais as variantes [-RS] em comparação com os homens. Além

disso, Figueiredo (2014) conclui que, aparentemente, não há diferença significativa na utilização [+RS] ou [-RS] quando analisadas as distintas escolaridades.

A partir de agora, o foco se voltará aos resultados de Figueiredo (2014) para a variação lexical. A autora apresentou um comparativo entre as variantes [+RS] e [-RS], como, por exemplo, o que ocorre na variável “bergamota”, que tem variantes como “tangerina” e “mexerica”. Essa variação ocorre também com a palavra “mandioca” e “macaxeira” e com “orvalho” e “sereno”. Nessas variáveis ocorre um equilíbrio entre as utilizações [+RS] e [-RS], porém, nas outras variáveis apresentadas, a autora identifica uma maior utilização das variantes [-RS]. Visto isso, nota-se um processo de “abandono” das variantes [+RS], principalmente pelo grupo dos mais jovens, como, por exemplo, em “chifre” [-RS] e “aspas” [+RS], em que a preferência seria por “chifre”.

Também fundamentada na metodologia da Dialetologia Pluridimensional, Meurer (2022) analisou a variedade do português falado em Balsas, no sul do estado do Maranhão, por migrantes sulistas, os quais entraram em contato com a variedade nordestina. O objetivo da pesquisa é analisar a manutenção e substituição de marcas regionais do português por esses migrantes. Para isso, foram entrevistados dez participantes, divididos em dois grupos, sendo cinco nordestinos e cinco migrantes sulistas, estratificados por idade (18-36 anos; +60 anos); escolaridade (básica; superior); gênero (homem; mulher); e matriz de origem (Sul; Nordeste). Quanto aos resultados, Meurer (2022) chega à mesma conclusão que Figueiredo: tratando-se do grupo dos mais jovens, eles possuem, aparentemente, uma preferência pelas variantes mais comuns, ou seja, [-SUL], já o grupo dos mais velhos valorizam o uso das variantes [+SUL]. Já quando analisada a escolaridade, nota-se que não há marcas de alterações significativas no português dos mais escolarizados ou menos escolarizados. Por fim, Meurer (2022) reporta que as mulheres tendem a ser mais conservadoras que os homens. Pelas mulheres realizarem mais serviços em casa (atividades mais restritas), isto as faz manterem uma identidade lexical mais conservadora, já os homens que praticam atividades menos restritas praticam a aquisição de novas variedades.

Tratando sobre os resultados no nível lexical, a autora aponta que o grupo dos mais jovens utiliza com menos frequência as variantes sulistas e nordestinas, no

caso, há uma maior utilização de marcas menos regionais, como, por exemplo, a troca de “piá” [+SUL] por “garoto”, uma marca menos regional; entretanto, o grupo dos mais velhos aparenta ter uma preferência pela coocorrência das variantes sulistas e nordestinas. Além disso, Meurer (2022) apresenta a diferença entre os gêneros, em que as mulheres tendem a utilizar mais as variantes [+SUL] do que os homens. Por fim, a autora finaliza sua pesquisa incentivando a realização de novas pesquisas e ressalta que não se deve restringir os trabalhos apenas à língua portuguesa, mas também verificar o contato intervareietal do português com outros idiomas.

Em Souza (2023), é analisada como se dá a adaptação e a acomodação social e linguística de migrantes baianos na região metropolitana de São Paulo. Para isso, o autor entrevistou 50 migrantes, observando as seguintes variáveis: sexo (homem; mulher), idade (variável contínua), tempo de residência (variável contínua), nível de escolaridade (Ensino Fundamental; Ensino Médio), idade de migração (variável contínua), grau de autoidentificação paulista declarada (variável contínua), rede de contato com baianos (variável contínua). Foi utilizada a plataforma R a fim de obter os resultados para esta pesquisa. Foram analisadas uma variável fonético-fonológica (a realização do /r/ em coda), uma variável morfossintática (a negação sentencial: “não vou”, “não vou não”, “vou não”) e variáveis lexicais, como “tangerina” e “mexerica”, “aipim” e “mandioca”. Na variável fonético-fonológica, Souza (2023) apresenta que aparentemente os migrantes adquirem o /r/ retroflexo e o tepe, variantes paulistas. Na análise da variável morfossintática, o autor reporta que há uma maior acomodação à variante paulista (“não vou”).

Os resultados da variação lexical partiram da verificação dos usos das variáveis sociolinguísticas, como “tangerina/mexerica”, “aipim/mandioca”, “quentinha/marmita”, “trabalho/serviço”. O autor chega à conclusão de que os migrantes baianos tendem a se adaptar às variantes paulistas (“mexerica”, “mandioca”, “marmita” e “serviço”). Também observou que os itens lexicais paulistas tendem a ser utilizados com mais frequência por aqueles que estudaram até o Ensino Fundamental, que migraram mais cedo e que possuem um maior tempo de residência em São Paulo. Por fim, Souza (2023) ressalta que as pesquisas sociolinguísticas sobre a variação lexical ainda são poucas para a variedade linguística da língua portuguesa brasileira.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para a realização da presente pesquisa. Para tanto, detalham-se os critérios de seleção dos participantes, o instrumento de coleta de dados e os métodos de análise das informações obtidas. Destaca-se que a pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfnas (Parecer nº 7.487.643 e CAAE nº 86583824.3.0000.5142).

3.1 AS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para investigar a variação lexical dos migrantes nordestinos moradores de São Paulo em contato com a variedade paulistana, foram coletados dados da forma descrita na sequência. As participantes migraram para São Paulo em família, portanto, com suas irmãs e irmãos, em idade infanto-juvenil. A família era constituída por oito irmãos, com sete mulheres e um homem, que migraram para São Paulo na faixa etária de 7 a 18 anos. Com o passar do tempo dois dos irmãos acabaram falecendo, por isso, para a realização dessa pesquisa, foram convidadas a participar apenas seis irmãs. Uma das irmãs preferiu não participar, totalizando, desta forma, cinco participantes. As migrantes são provenientes do agreste nordestino; nasceram em Cupira, uma cidade próxima a Caruaru, em Pernambuco. A família selecionada migrou no final da década de 1970, com o foco de melhorar suas vidas financeiramente.

Neste trabalho, as participantes serão identificadas por numeração crescente, como, por exemplo, a número um será a irmã mais velha e a número cinco a mais nova. A participante número 1 migrou para São Paulo aos 16 anos, com o intuito de melhorar sua situação econômica a partir do trabalho, pois, segundo ela, “lá era muito difícil de arrumar emprego, eu queria trabalhar. Lá ou trabalhava na roça ou não trabalhava. Aí vim para São Paulo”. Após a chegada da participante em São Paulo, ela se estabeleceu na casa de uma amiga e mudou-se para muitos bairros até residir no bairro do Butantã. A participante trabalhou desde sua chegada em casas de família, sendo como babá, auxiliar de limpeza ou cozinheira. Hoje a participante 1 se encontra com 71 anos de idade e 55 anos que está residindo no

estado de São Paulo, pois, desde o ano de 2023, a participante se encontra residindo na cidade de Praia Grande, litoral sul do estado de São Paulo.

A participante 2 mudou-se para São Paulo com 14 anos, também com o intuito de melhorar economicamente sua vida, e, com a ajuda da participante 1, conseguiu seu primeiro emprego como babá, até ela conhecer o local e poder encontrar outras formas de sustento. Após se familiarizar com a cidade de São Paulo, a participante arrumou outros empregos, como auxiliar de limpeza. Hoje ela se encontra com 67 anos e 53 anos de residência no estado de São Paulo, pois, desde 2016, ela também se encontra residindo na cidade da Praia Grande, litoral Sul do Estado de São Paulo. A vinda da participante 1 facilitou a migração das outras participantes, principalmente, após o casamento e o nascimento das filhas da irmã mais velha (participante 1).

A participante 3 diz: “Eu, por exemplo, vim com 13 anos, ficava na casa dela [referindo-se à participante 1] um pouco, para conhecer o lugar, e ajudava ela com as crianças. Depois, aquela irmã que crescia, ia trabalhar e ela trazia uma outra irmã lá do nordeste, e assim, ela trouxe todas”. A participante 3 se encontra com 60 anos e 47 residindo no estado de São Paulo. Para se estabelecer em São Paulo, ela trabalhou como babá, auxiliar de cozinha e limpeza. Desde 2023 ela se encontra residindo na cidade de Praia Grande, no litoral sul de São Paulo.

A participante 4 veio com 10 anos, primeiro para ajudar a irmã mais velha (participante 1). Ao completar 18 anos, seu primeiro trabalho foi como auxiliar de limpeza, função em que continua a trabalhar. A participante destacou a cidade de São Paulo como uma cidade completa, segundo ela “Porque eu acho que eu tenho tudo que eu preciso”. Hoje em dia a participante se encontra com 55 anos e 45 anos de tempo de residência na cidade de São Paulo, pois ela ainda se encontra residente do bairro Butantã.

A participante 5 chegou em São Paulo com 12 anos, por dois motivos: o primeiro envolve a situação familiar em que vivia e o segundo foi a facilitação de sua vinda a partir de suas irmãs já estabelecidas na cidade. Segundo a participante,

“Começou com a minha irmã mais velha. Ela veio primeiro. Depois ela foi indo, cada irmã foi indo. Eu sou a mais nova. E aí, quando a minha mãe

morreu, eu fiquei sendo criada pela minha madrasta e meu pai. [...] Aí minha irmã mais velha vinha trazendo as irmãs, quando ficava um pouco maiorzinha e começava a trabalhar, ela pegava uma outra e trazia. Eu fui a última. Com 12 anos, vim pra cá” (Participante 5).

Após a chegada da participante em São Paulo, ela foi introduzida no mercado de trabalho como babá, auxiliar de limpeza e, por último, foi contratada como operadora de máquina em uma fábrica de alimentos, na qual está contratada até os dias de hoje. A participante se encontra com 52 anos e 40 anos de tempo de residência em São Paulo. Atualmente ela se encontra como moradora do bairro do Butantã, na cidade de São Paulo.

Em suma, as participantes migraram para São Paulo com o intuito de melhorar a vida e suas situações econômicas. As irmãs moraram em muitos bairros até se estabelecerem no Butantã ou até se mudarem para outra cidade do Estado. O Quadro 1 sintetiza o perfil das participantes.

Quadro 1 - Síntese do perfil das participantes

Participante	Idade de migração	Tempo de residência	Escolaridade
Participante 1	16	55	1º ano do Ens. fundamental
Participante 2	14	53	4º ano do Ens. fundamental
Participante 3	13	47	5º ano do Ens. fundamental
Participante 4	10	45	4º ano do Ens. fundamental
Participante 5	12	40	Ensino médio completo

Fonte: Autora (2025)

3.2 PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS

A coleta de dados foi feita pela aplicação de um questionário. Os dados obtidos a partir das respostas tornaram possível a análise dos aspectos ligados à variação lexical, o que pôde auxiliar a confirmação ou negação de alguma acomodação linguística das participantes. A aplicação do questionário foi agendada previamente com as participantes da pesquisa. Além disso, o local foi escolhido junto a elas, para um melhor conforto.

A aplicação dos questionários foi realizada individualmente com cada uma das participantes e de modo presencial. O roteiro referente à aplicação do questionário encontra-se no Apêndice A. Foram designadas 67 questões adaptadas e revisadas de Souza (2023). O tempo de aplicação dos questionários foi em torno de 45 a 50 minutos, e não houve custos às participantes. Inicialmente, as participantes foram apresentadas ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹, explicando qual seria a finalidade da pesquisa e realizando um acordo de responsabilidade entre a pesquisadora e a participante. Também foram apresentados os riscos às participantes. Apesar de os riscos serem mínimos, as participantes poderiam ficar constrangidas ao serem solicitadas a responder questões que envolviam informações pessoais, cansadas ao longo da aplicação do questionário ou desconfortáveis com a gravação em áudio. Ficou claro às participantes, entretanto, que nenhuma questão era obrigatória, de maneira que elas se sentissem à vontade para se recusar a responder qualquer questão, sem necessidade de explicar ou justificar sua recusa. Além disso, caso houvesse cansaço, a aplicação do questionário poderia ser pausada, para que a participante pudesse descansar, ou remarcada para outra data, caso a participante assim preferisse. Quanto ao possível desconforto com a gravação, foi informado às participantes que somente as pesquisadoras teriam acesso ao áudio gravado e que, na divulgação dos resultados, não seriam divulgadas quaisquer informações que permitissem a identificação das participantes. Quanto aos benefícios, eles são indiretos: espera-se que a pesquisa traga contribuições para a compreensão sobre a variação lexical no contexto de migração.

¹ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) encontra-se neste trabalho como Apêndice B.

A primeira parte do questionário com questões abertas foi separada por: bairro, infância, família, motivos da migração, avaliação da comunidade anfitriã, trabalho e lazer, com o intuito de descobrir o grau de enraizamento das participantes, ou seja, investiga suas redes sociais e o grau de mobilidade. Desta forma, a partir das respostas, seria possível verificar os padrões de sociabilidade.

Na segunda parte, constituída por questões fechadas, o questionário tem o foco no modo de vida e investiga quanto as migrantes se consideram nordestinas e como elas se relacionam com outros nordestinos.

A terceira parte apresenta questões semântico-lexicais que buscam detectar o uso das variantes pelas participantes. Uma vez que as participantes saíram de Cupira (PE) e migraram para São Paulo (capital), as questões foram captadas do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014) e do Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2013), onde foram selecionadas as variantes paulistanas e as de Caruaru, respectivamente. Dentro de cada Atlas são apresentadas cartas de pesquisas que registram variantes fonéticas, morfológicas e semântico-lexicais. Essas cartas foram selecionadas a partir do nível de registro de cada localização, ou seja, somente as variantes com os maiores índices de uso nas regiões de São Paulo e Caruaru foram escolhidas.

É importante ressaltar que, no Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2014), não há dados de Cupira. Porém, foram achados dados linguísticos de Caruaru e, segundo a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (CONDEPE/FIDEM, s.d.), Caruaru possui uma influência econômica, cultural e política nas cidades ao redor de sua delimitação territorial, funcionando como uma metrópole, sendo Cupira uma dessas cidades. O órgão público apresenta:

Caruaru estabelece conexões através de relações de dependência e deslocamento da população em busca de bens, prestação de serviços e trabalho, confirmado também posteriormente neste estudo através da análise dos diversos dados primários e secundários como: Produto Interno Bruto (PIB), Grau de Urbanização e Taxa de Crescimento da População (CONDEPE/FIDEM, s.d).

Desta forma, justifica-se a seleção de Caruaru como localidade representativa de uma variedade semelhante àquela presente em Cupira².

As palavras escolhidas foram analisadas detalhadamente em cada Atlas. A partir da comparação das cartas linguísticas de residentes de São Paulo e de Caruaru, foram selecionadas aquelas em que havia maior número de pessoas utilizando determinada variante. Por exemplo, observou-se que, em Caruaru, é mais provável que os falantes usem o termo “macaxeira”, segundo a carta 34, a qual demonstra diferentes formas para o mesmo alimento, para se referir à parte da raiz que se cozinha, enquanto na capital paulista prevalece o uso de “mandioca” para falar do mesmo elemento. A partir dessas respostas e das probabilidades de uso da variante, houve a escolha das cartas. Além disso, é de suma importância ressaltar que as respostas para uma determinada variação nem sempre será única, ou seja, quando falamos sobre variação lexical, podemos notar uma grande quantidade de resposta a um específico objeto, como, por exemplo, o nome “penca”, utilizado na cidade de São Paulo para nomear um corte dado ao cacho de banana, mas que também pode ser considerado como “pé”, “cacho”, “palma”, entre outros.

O projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), que visa mapear e analisar a variação linguística no Brasil, foi fundamental para a realização desta pesquisa. A partir da comparação dos Atlas mencionados anteriormente, foram selecionadas questões que buscavam observar a realização da mesma variável. Esses estudos ajudaram a fundamentar a escolha das variantes mais representativas e a compreender as tendências predominantes nas áreas em questão. O projeto ALiB se baseia em questões específicas que permitam a comparação entre variedades, e para o projeto foram escolhidas as seguintes questões:

1. Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?
2. As frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão?
3. Objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?

² Reconhece-se a limitação metodológica decorrente da ausência de dados linguísticos diretos de Cupira no Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE), no entanto, na ausência de dados linguísticos específicos de Cupira, a escolha das variantes de Caruaru foi uma opção metodológica de aproximação dentro da mesma região geográfica.

4. Aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?
5. Cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

Tais questões tiveram como resposta predominante as seguintes palavras:

1. Granito [+CA]³ / Granizo [+SP];
2. Laranja-cravo [+CA]⁴ /Mexerica [+SP];
3. Bruaca [+CA] /Bolsa [+SP];⁵
4. Macaxeira [+CA] /Mandioca[+SP];
5. Cacho [+CA] /Penca [+SP].

3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES DE DADOS

Essa pesquisa adota uma abordagem qualitativa, sendo de caráter descritivo e buscando compreender o fenômeno da plasticidade dialetal, considerando os contextos sociais e linguísticos nos quais ele ocorre. Dito isso, a pesquisa qualitativa permite o estudo do significado da vida das pessoas em suas condições reais. Além disso, a pesquisa contribui para revelar conceitos que podem auxiliar a compreensão do comportamento humano.

Partindo para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2020), composta pelas seguintes etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. A pesquisa iniciou-se pela pré-análise dos dados, que consistiu na leitura flutuante das

³ A sigla [CA] corresponde à cidade de Caruaru. Segundo o site do IBGE, Caruaru não possui uma sigla oficial. Apesar disso, nesta pesquisa, a localidade será tratada como [CA].

⁴ A sigla [+CA] significa que a variação é de maior uso dos moradores de Caruaru, ou seja, “mais caruaruense”, já a sigla [+SP] equivale ao uso das variantes paulistas, “mais paulistas”.

⁵ Essa questão foi excluída e não aparecerá na análise, pois as participantes não conseguiram responder a questão. Logo, partindo de Bardin (2020), a questão foi excluída por não ser produtiva para a pesquisa.

transcrições da aplicação do questionário, com o intuito de sistematizar ideias iniciais.

A escolha dos documentos é de suma importância, pois ela demarca o universo do *corpus*. Para a análise das respostas do questionário foram trabalhadas as regras da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. A primeira regra, a da exaustividade, informa que, a partir do momento em que foi escolhido e aplicado o questionário, só poderia ser excluída a transcrição separada para a categoria com um motivo plausível, ou seja, após a separação das categorias, não se poderia excluir o conteúdo por alguma questão que não fosse justificável. Em segundo, temos a regra da representatividade, a qual justifica o porquê de os dados serem escolhidos para a pesquisa, os objetivos previamente definidos orientam a seleção dos dados considerados representativos do fenômeno investigado. Na regra da homogeneidade, como o nome já expõe, houve a aplicação das categorias de forma homogênea, ou seja, todos os participantes tiveram suas respostas sendo analisadas pelas mesmas categorias. Por fim, a regra de pertinência refere-se à seleção dos trechos das transcrições e que eles sejam adequados e relevantes para a pesquisa, ou seja, eles foram os fornecedores de informações para a produção da análise.

A segunda etapa consiste na exploração do material. Essa fase corresponde ao momento de codificação e categorização dos dados. A categorização é responsável pela organização das respostas em categorias temáticas. Existem qualidades de um conjunto de categorias boas, que são:

- exclusão mútua: o elemento não pode pertencer a mais de uma divisão/categoria;
- homogeneidade: um único princípio de classificação deve comandar a sua organização;
- pertinência: as categorias devem estar de acordo com o objetivo da pesquisa, ou seja, será pertinente quando adaptada ao material;
- objetividade e fidelidade: as categorias devem ser objetivamente definidas e fiéis à grelha categorial à qual estão aplicadas;
- produtividade: a categorização deve fornecer resultados férteis.

Após as transcrições das respostas do questionário, foram identificadas categorias que tinham como objetivo analisar o nível de vínculo das participantes com os aspectos sociais e linguísticos relativos a Cupira e a São Paulo, e, também, avaliar se esse vínculo é positivo, neutro ou negativo de acordo com as suas respostas. Com a análise das transcrições, as categorias foram separadas em duas categorias gerais: Cupira (Tradições Nordestinas) e São Paulo, para conseguir analisar separadamente o nível de vínculo com os dois locais. Cupira (tradições nordestinas) foi subcategorizada com quatro tipos, sendo eles: avaliação de sotaque, infância, fase adulta e retorno. Dentro da subcategorização houve outra subcategorização, mas ocorreu em específico com as categorias infância e fase adulta. A infância foi separada por brincadeiras, familiares, tradições e escola; e a fase adulta por alimentação e música. São Paulo teve como subcategorias: avaliação do sotaque, avaliação sobre a cidade e fase adulta. Dentro dessas categorias, somente avaliação sobre a cidade e a fase adulta precisaram ser subcategorizadas. Dito isso, avaliação sobre a cidade foi separada em: trânsito e criminalidade; já a fase adulta foi separada em trabalho, família, lazer e contatos. O Quadro 2 apresenta uma síntese das categorias de análise.

Quadro 2 - Síntese das categorias

	Avaliação de Sotaque: <ul style="list-style-type: none"> <u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo
--	---

Cupira (Tradições Nordestinas)	Infância	<ul style="list-style-type: none"> • Brincadeiras: <u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo • Familiares: <u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo • Tradições: <u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo • Escola: <u>Positiva</u> <i>Neutro</i> Negativo
	Fase adulta	<ul style="list-style-type: none"> • Alimentação: <u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo • Música: <u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo
	Retorno:	<u>Positiva</u> <i>Neutra</i> Negativa
	Avaliação de Sotaque:	<u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo
	Avaliação sobre a cidade	<ul style="list-style-type: none"> • Trânsito: <u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo • Criminalidade: <u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo

São Paulo	Fase adulta	<ul style="list-style-type: none"> ● Trabalho: <u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo ● Família: <u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo ● Lazer: <u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo ● Contatos: <u>Positivo</u> <i>Neutro</i> Negativo
-----------	-------------	--

Fonte: Autora (2025)

Em cada categoria e subcategoria, o intuito foi conseguir analisar ao máximo as possíveis classificações (positiva, negativa ou neutra) dentro das respostas de cada participante. Essa análise partiu da comparação entre as respostas.

4 TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A etapa de tratamento dos resultados e sua interpretação é responsável pela análise dos resultados obtidos a fim de evidenciar padrões, tendências e contrastes entre os dados. Com base nas respostas dadas pelas participantes e após a categorização, a interpretação fica responsável em atribuir significados aos dados, relacionando os resultados com os objetivos do estudo.

4.1 AS CATEGORIAS E O QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

A partir do eixo interpretativo, é visto que cada participante apresenta diferentes perspectivas sobre a identidade nordestina, a valoração da cultura paulistana e a utilização dos itens semântico-lexicais. A categorização e a leitura comparativa das entrevistas possibilitaram a verificação de alguns padrões entre as participantes, principalmente, na manutenção identitária nordestina, apesar da longa residência em São Paulo. Por exemplo, quando é perguntado às participantes

quanto elas se consideram nordestinas/pernambucanas, é explícito o orgulho regional, uma vez que quatro das cinco participantes, quando perguntadas sobre “quanto de 0 a 10 você se considera nordestina/pernambucana”, respondem 10. Essa nota evidencia que, mesmo há décadas em São Paulo, as participantes podem preservar práticas culturais ligadas à sua origem nordestina, o que pode favorecer a permanência de variantes lexicais. Além disso, há relatos de que, ao retornar a Cupira ou ao falar com seus parentes e amigos nordestinos, as participantes falam que logo voltam “a falar arrastado”, mostrando a acomodação com a variante de origem, já outras admitem que perderam os traços de origem (“não tenho mais sotaque”), ou que pessoas comentam que agora as participantes falam “como paulista”.

Passemos a uma análise por participante. A participante 1 apresenta respostas positivas quanto a sua origem. Quando descreve a infância e os familiares, a recordação é positiva, apresentando um grande afeto pelo seu passado, como quando diz “minha infância foi muito boa”. Por outro lado, sua origem é avaliada de forma negativa quando se trata de condições econômicas, pois o motivo da migração foi a falta de emprego. Segundo ela, “lá era muito difícil de arrumar emprego”. Quando analisadas as tradições e alimentações, é visto que a participante mantém os hábitos nordestinos, principalmente, nos alimentos e nas músicas, apontando um grau de valorização positiva de sua origem e manutenção identitária alta. A identidade pernambucana é muito valorizada durante toda a aplicação do questionário, e a participante ainda, quando é questionada se gosta de ser identificada como pernambucana, responde: “Sim, eu amo ser reconhecida como pernambucana”. Quando a participante se refere a São Paulo, ela deixa explícito que é “lugar bom para trabalho”, sendo positivo no eixo econômico, mas neutro no quesito emocional. A participante apresenta uma gratidão por São Paulo, sempre pelo eixo econômico. Ela diz que “É um lugar muito bom, de trabalho, onde as pessoas se encontram para emprego. Apesar de difícil, é melhor pra viver”. A participante mantém os laços com as irmãs e com vizinhos nordestinos, mantendo a alta manutenção identitária. Partindo para as respostas sobre avaliação de sotaque, a participante se mostrou com uma grande consciência linguística, pois, ao responder se ela nota diferença entre o falar paulistano e o nordestino, ela responde que “Sim. Hoje em dia menos, porque tá tudo misturado. São Paulo virou caminho

da roça, antigamente aquela pessoa que vinha pra São Paulo e voltava pro sítio a gente queria ver como ela falava, mesmo sem saber falar. Antes era mais evidente”, reconhecendo a movimentação da língua. Em síntese, a participante 1 revela forte identidade nordestina, mas a partir de sua consciência linguística, quando ela responde ao questionário semântico-lexical, a participante alterna entre a variante nordestina e a variante paulistana, por vezes para o mesmo item.

Quadro 3 - Resultados Participante 1

Variantes	Participante 1
Chuva de granito (PE), granizo (SP) ou outra (especificar)	Chuva de granito (PE)
Laranja-cravo (PE), mexerica (SP) ou outra (especificar)	Mexerica (SP)
Macaxeira (PE), mandioca (SP) ou outra (especificar)	“Mandioca (SP), mas na minha terra se chama Macaxeira (PE)”
Palma (PE), penca (SP) ou outra (especificar)	“Palma (PE), mas em São Paulo é Penca (SP)”
	Número total de PE: 3
	Número total de SP: 3
	Número total de O: 0
	Não respondeu: 0

Fonte: Autora (2025)

A partir do que mostra o quadro 3, aparentemente, a participante 1 apresenta-se equilibrada entre a preservação e a adaptação das suas variantes lexicais nordestinas.

A participante 2 apresenta a importância da irmã mais velha no processo migratório, e deixa explícito que seus laços familiares desde a infância até a vida

adultas são positivas e fortes. Por exemplo, quando a participante responde a pergunta: “se você precisasse de ajuda, por exemplo, ficasse doente, a quem recorreria?”, ela diz: “Minhas irmãs, em primeiro lugar”. Quando a participante se refere à infância (brincadeiras) e às tradições nordestinas, ela toma um posicionamento, aparentemente, neutro, apresentando as partes boas, mas também as negativas, como, por exemplo, quando ela conta sobre sua infância:

Foi boa, não posso dizer que foi ruim porque a gente não conhecia outro lado. Nossos brinquedos era sabugo de milho. Nossos brinquedos eram sabugo de milho, fazia boneca porque não tinha brinquedo de verdade. Fazia caminha com folha de azeitona, brincava debaixo dos pés de laranja. Fazia cavalinho de frutinha, botava perninha, brincava de fazendeiro. Era muito gostoso (Participante 2).

Na categoria de tradições e alimentação, referente ao vínculo com Cupira, a participante 2 menciona comidas típicas e memórias da vida em Pernambuco. Ela afirma que come comidas típicas nordestinas quase todo dia, como o cuscuz, e escuta forró todos os dias, apresentando um vínculo cultural ativo. No entanto, referente ao vínculo com São Paulo, a participante afirma que “São Paulo é bom para trabalhar”, mas reconhece dificuldades do cotidiano: “São Paulo tem muita correria, muito roubo, pobreza, escola que não presta, saúde precária, política corrupta. Mas é a cidade onde se trabalha”. A participante se posiciona, aparentemente, com um vínculo neutro quanto a São Paulo, quando analisada a partir das categorias de trabalho, família e lazer, apresentando respostas que não afirmam positivamente nem negativamente sua relação com a cidade de São Paulo. Na avaliação de sotaque, nota-se que a participante possui uma consciência linguística, a partir da qual ela afirma que mudou a forma de falar pelo tempo de residência em São Paulo.

Pesquisadora: Quando você foi a Pernambuco, as pessoas falaram que você está falando como paulista?

Participante 2: Sim, “nossa como você está diferente”, mas também, eu saí daqui com 14 anos. Então para voltar com 45/50 anos tem diferença né.

Quadro 4 - Resultados Participante 2

Variantes	Participante 2
Chuva de granito (PE), granizo (SP) ou outra (especificar)	Granizo (SP)
Laranja-cravo (PE), mexerica (SP) ou outra (especificar)	Tangerina (Outro)
Macaxeira (PE), mandioca (SP) ou outra (especificar)	Macaxeira (PE)
Palma (PE), penca (SP) ou outra (especificar)	Coração da banana (Outro)
	Número total de PE: 1
	Número total de SP: 1
	Número total de O: 2
	Não respondeu: 0

Fonte: Autora (2025)

A participante 2 demonstra um vínculo cultural forte com Cupira, mas é vista uma acomodação linguística mais dividida entre a variante paulista, nordestina e outras, a partir das suas respostas ao questionário semântico-lexical.

A participante 3 apresenta seu vínculo com Cupira como muito positivo, pois fala com afeto da terra natal e reforça a parceria entre as irmãs, principalmente quando retrata a migração e a solidariedade entre elas. Segundo a participante:

Na verdade, Cupira é a cidade, eu morava em um sítio que se chama Serra Verde, bem próximo a Cupira, e era muito bom, a gente brincava muito e tinha muita criança, os vizinhos. Meu pai tinha casa de farinha que só vivia ocupada, as pessoas alugavam a casa pra fazer a farinha e isso pra gente era uma festa, porque eram dois dias de festa, enquanto tava fazendo a farinha, então tinha gente, tinha criança, e a gente brincava muito, brincávamos de brincadeira de roda, aquelas noites de lua clara, e a gente brincava muito de pular cordas, esconde-esconde e era muito bom (Participante 3).

Ela mantém lembranças das festas e brincadeiras, mostrando o vínculo positivo com Cupira e sua infância. Além disso, a participante conserva hábitos de comidas nordestinas, tradições e músicas, apresentando um forte vínculo com as tradições nordestinas. A participante 3, assim como as outras, também vê São Paulo como um espaço de oportunidades: “Gosto, sou muito grata a São Paulo, aqui foi onde eu consegui ter uma vida melhor, através do meu trabalho, do meu esposo, a gente conseguiu ter uma vida boa”. A participante apresenta uma gratidão a São Paulo, principalmente pela parte econômica. No entanto, as considerações sobre São Paulo ficam entre positiva e negativa, porque a participante apresenta muitas características negativas sobre a cidade, citando, principalmente, a criminalidade e o trânsito. Além disso, as respostas do questionário sobre a avaliação de sotaque, tanto paulistano, quanto pernambucano, apresentam uma consciência linguística. Ela afirma que, quando está com seus familiares nordestinos ou pessoas nordestinas, seu sotaque “volta”, segundo ela “Porque quando eu chego lá eu fico igualzinho. Falo igual a eles. Quando eu vejo já estou falando igual e eu gosto de falar igual, então”. O quadro abaixo mostra as respostas da participante 3 para o questionário semântico-lexical

Quadro 5 - Resultados Participante 3

Variantes	Participante 3
Chuva de granito (PE), granizo (SP) ou outra (especificar)	Chuva de Gelo (outro)
Laranja-cravo (PE), mexerica (SP) ou outra (especificar)	Laranja- Cravo (PE)
Macaxeira (PE), mandioca (SP) ou outra (especificar)	Macaxeira (PE)
Palma (PE), penca (SP) ou outra (especificar)	Palma (PE)
	Número total de PE: 3
	Número total de SP: 0

	Número total de O: 1
	Não respondeu: 0

Fonte: Autora (2025)

A participante 3 apresenta um vínculo maior com Cupira, mas também está vinculada positivamente com São Paulo. A manutenção das variantes pernambucanas parece estar ligada aos afetos do nordeste, apresentando uma forte identidade nordestina, embora o tempo de residência em São Paulo seja prolongado. O quadro evidencia que parece não ter havido uma adaptação linguística, no que diz respeito ao objeto de análise deste trabalho.

A participante 4 se refere à infância de uma forma mais controversa, porém afetiva, principalmente, quando perguntado como foi a sua infância:

Era dentro de casa. Não tinha muito para onde ir, né? Então, brincava de na rua, que a gente brincava com os meninos. E eles usava bolinha de gude, que chama ximbre... Que é aqui em São Paulo se chama bolinha de gude, e nós chamava de ximbre. É, então vamos jogar ximbre. Então é divertido a gente jogava ximbre (Participante 4).

A participante parece apresentar seus vínculos com Cupira de uma forma mais neutra. Porém, quanto às tradições nordestinas, ela as avalia positivamente. A participante diz:

Eu acho que era a fogueira de São João. O dia de São João. Um dia de São João era um dia esperado, porque a gente sabia que o pai ia fazer a fogueira. E naquele dia a gente ia ter um vestido novo pra usar. E todo mundo ia ficar em volta da fogueira, os vizinhos vinham, e era aquele dia. Então era a festa, era o dia de São João, era o dia esperado pra nós. Mais esperado assim. Mais esperado, tradição, mesmo (Participante 4).

Num todo, o seu posicionamento sobre Cupira é neutro, principalmente, quando ela responde sobre a alimentação e a música, deixando claro que há hábitos nordestinos em menor frequência, o que é visto quando ela afirma que come cuscuz, farinha de mandioca e carne de sol uma vez por mês ou quase nunca. Entretanto, quando a participante se refere a São Paulo, está presente um vínculo positivo

maior. A participante se refere a São Paulo como “uma cidade que oferece tudo”, fortemente positiva, e isso segue a todas as categorias separadas para análise. A participante se refere positivamente ao trabalho, dizendo “É algo que eu gosto muito, então, é assim, apesar de não ter estudado, não ter uma formação, tal, mas é algo que me completa assim, sabe? Não é que eu faço assim. E eu até poderia trabalhar com outras coisas, mas eu gosto. É algo que eu gosto.”; ao lazer: “Tem muitas opções.”; ao sotaque: “Eu gosto. Eu acho que assim, não muda muito. Eu acho que na verdade o Paulistano fala correto assim, ele usa a frase e a palavra correta. É certa, vamos dizer, é certa, é correta”. Ela apresenta o maior grau de integração cultural com a cidade de São Paulo, principalmente, porque ela associa São Paulo a oportunidades e a bem-estar. Quanto ao questionário semântico-lexical, a participante 4 apresentou as respostas mostradas no quadro abaixo.

Quadro 6 - Resultados Participante 4

Variantes	Participante 4
Chuva de granito (PE), granizo (SP) ou outra (especificar)	Chuva de granito (PE)
Laranja-cravo (PE), mexerica (SP) ou outra (especificar)	Mexerica (SP)
Macaxeira (PE), mandioca (SP) ou outra (especificar)	Macaxeira (PE)
Palma (PE), penca (SP) ou outra (especificar)	Não respondeu
	Número total de PE: 2
	Número total de SP: 1
	Número total de O: 0
	Não respondeu: 1

Fonte: Autora (2025)

Apesar de um maior vínculo com São Paulo, suas respostas ao questionário

semântico-lexical apresentam uma maior quantidade de variantes pernambucanas, mostrando uma fala parcialmente adaptada, mas com uma manifestação de sua origem nordestina.

A participante 5 foi a última a migrar. A participante se mostra neutra e parcialmente negativa quando se refere à infância. A participante apresenta:

Era eu, minhas irmãs e a minha madrasta e meu pai. Porém, meu pai viajava muito e a gente ficava só as crianças e com a minha madrasta. E aí a minha madrasta teve outros filhos. E aí era muita criança junto. Então era muito... Era bem difícil, assim. Foi uma infância bem difícil. A gente teve pouco acesso à escola, bem pouco. Bem pouco acesso à escola. E a vida era em casa, assim mesmo. A gente colhia as frutas, a gente mesmo... As crianças mesmo pegavam no pé. Recolhia as frutas e comia. Tudo era muito contado. Tudo era muito contado, tudo era muito... A gente admirava um biscoito, admirava uma fruta diferente que não tivesse no nosso sítio, que seria tipo maçã, frutas mais diferentes assim. Era uma coisa absurda pra gente. Então a gente vivia daquilo lá, de frutas que tinha lá mesmo (Participante 5)..

O motivo da sua migração, inicialmente, se dá pela falta das irmãs na cidade natal e a morte da mãe. Seu vínculo com Cupira, aparentemente, é positivo quando se refere às tradições nordestinas, pois, segundo as transcrições, a participante mantém os costumes culinários (come cuscuz e farinha de mandioca quase todos os dias) e musicais (escuta forró todo dia) de Pernambuco. Entretanto, quando questionada sobre a avaliação da cidade de São Paulo, a participante se mostra com um vínculo positivo. Segundo ela:

Ah, eu acho uma cidade tão bonita. Eu gosto da cidade de São Paulo. Tem os percalços, mas eu gosto bastante da cidade de São Paulo. Eu acho, não sei se é o costume, eu nunca fui pra outra cidade pra morar, já visitei outras cidades, mas pra morar assim, é a cidade de São Paulo mesmo. Eu gosto da cidade de São Paulo (Participante 5).

A participante se coloca muito grata por todos os benefícios econômicos que a cidade de São Paulo ofereceu a ela. A participante também apresenta uma consciência linguística quando é questionada sobre a forma de falar do pernambucano. Ela diz: “O pernambucano fala mais arrastado, mais engraçado, mais forte. Tem um jeito forte de falar, que eu gosto bastante. Inclusive, é porque eu vim muito nova pra cá, mas eu queria ter o sotaque de lá ainda, até hoje”, mostrando

que a idade de migração e o tempo de residência afetam sua variedade linguística. Ao decorrer da aplicação do questionário, a participante 5 apresentou as respostas ao questionário semântico-lexical que são mostradas no quadro abaixo.

Quadro 7 - Resultados Participante 5

Variantes	Participante 5
Chuva de granito (PE), granizo (SP) ou outra (especificar)	Chuva de gelo (Outros)
Laranja-cravo (PE), mexerica (SP) ou outra (especificar)	Laranja-cravo (PE)
Macaxeira (PE), mandioca (SP) ou outra (especificar)	Macaxeira (PE)
Palma (PE), penca (SP) ou outra (especificar)	Samangaio (Outros)
	Número total de PE: 2
	Número total de SP: 0
	Número total de O: 2
	Não respondeu: 0

Fonte: Autora (2025)

A participante 5 apresenta um orgulho identitário em relação ao nordeste no decorrer das suas respostas. No entanto, embora apresente uma avaliação bastante positiva sobre São Paulo, essa percepção não se manifesta na seleção de variantes [+SP] em seu uso. A partir do quadro 6, observa-se que suas escolhas linguísticas se distribuem entre variantes pernambucanas e outras, indicando uma manutenção linguística e cultural apenas parcial.

Em suma, a análise das respostas do questionário revelou um conjunto de padrões recorrentes entre as cinco participantes. Foi possível verificar três eixos de padrão: socioculturais, identitários e os padrões linguísticos, que em conjunto

permitem compreender a plasticidade dialetal e a manutenção no processo migratório. No que se refere aos aspectos socioculturais, observou-se um padrão comum nas motivações para a migração, ou seja, todas as participantes afirmam ter deixado sua cidade natal em busca de melhores condições de vida. A migração ocorreu, inicialmente, com a partida da irmã mais velha. A percepção sobre São Paulo apresenta-se predominantemente positiva, pois as participantes descrevem a capital paulista como um lugar de oportunidades e progresso financeiro. As falas mostram um sentimento de gratidão. Em relação às redes familiares, é apresentada uma corrente de apoio entre as irmãs. As participantes destacam um elo muito forte entre elas, o qual fortalece a preservação de hábitos e tradições nordestinas partilhadas desde a infância por essas irmãs. Dito isso, esse elo fortalece a identidade pernambucana e reforça o orgulho pela origem nordestina. As lembranças de suas infâncias são tratadas com afeto e saudade, com exceção da participante 5. As participantes lembram sobre suas tradições, como a festa de São João, as brincadeiras ao ar livre e a convivência familiar, evidenciando a realidade simples e feliz.

A partir das questões do tipo escala presentes no questionário, consegue-se verificar a posição de pertencimento e identidade nordestina e paulistana de cada participante, segundo o quadro abaixo.

Quadro 8 - Síntese das questões do tipo escala

Questões	Participante 1	Participante 2	Participante 3	Participante 4	Participante 5
1. Numa escala de 0 a 10, quanto você se considera pernambucano?	10	10	10	10	8

2. Numa escala de 0 a 10, quanto você já se considera paulista?	10	5	0	10	8
5. Numa escala de 0 a 10, quanto você acha que seu jeito de falar é diferente das pessoas que nasceram na cidade de São Paulo?	10	10	8	2	10

Fonte: Autora (2025)

As participantes 1, 4 e 5 mostram-se divididas quanto ao pertencimento às identidades pernambucana e paulistana, pois deram as mesmas notas para as questões 1 e 2. Já a participante 2 aparenta se identificar mais como pernambucana e menos como paulistana. A participante 3 se identifica totalmente como pernambucana. Mas, quando as participantes são questionadas sobre o falar paulistano, a maioria (participante 1, 2 e 5) se coloca como não pertencentes à variedade paulistana; já a participante 3 se coloca parcialmente como uma falante da variedade paulistana, o que não ocorre com a participante 4, a qual se dá a nota 2 dentro de uma escala de 0 a 10 para dizer o que quanto a sua forma de falar difere da de uma pessoa nascida em São Paulo.

4.2 SÍNTESE DOS RESULTADOS

No campo linguístico, todas as participantes demonstram consciência sobre a diferença entre o modo de falar nordestino e o paulistano. Essa percepção vem a partir do reconhecimento da mudança na própria fala, como em “perdi o sotaque”, “agora falo como paulista”, “quando estou lá, eu falo igual a eles”, dito pelas participantes. São expressões que relatam o processo de acomodação e desacomodação linguística. A última ocorre principalmente quando retornam ao nordeste ou interagem com familiares de origem nordestina, como descreve a participante 3: “quando eu chego lá eu fico igualzinho. Falo igual a eles”. Esse

comportamento mostra um comportamento flexível da variação lexical, a qual se ajusta ao ambiente, segundo a participante.

A análise das respostas ao questionário semântico-lexical confirma essa mudança. Cinco perfis foram observados, segundo o quadro abaixo.

Quadro 9 - Síntese do questionário semântico-lexical

Variantes	Participante 1	Participante 2	Participante 3	Participante 4	Participante 5
Chuva de granito (PE), granizo (SP) ou outra (especificar)	Chuva de granito (PE)	Granizo (SP)	Chuva de Gelo (outro)	Chuva de granito (PE)	Chuva de gelo (Outros)
Laranja-cravo (PE), mexerica (SP) ou outra (especificar)	Mexerica (SP)	Tangerina (Outro)	Laranja-Cravo (PE)	Mexerica (SP)	Laranja-cravo (PE)
Macaxeira (PE), mandioca (SP) ou outra (especificar)	“Mandioca (SP), mas na minha terra se chama Macaxeira (PE)”	Macaxeira (PE)	Macaxeira (PE)	Macaxeira (PE)	Macaxeira (PE)
Palma (PE), penca (SP) ou outra (especificar)	“Palma (PE), mas em São Paulo é Penca (SP)”	Coração da banana (Outro)	Palma (PE)	Não respondeu	Samangaio (Outros)
	Número total de PE: 3	Número total de PE: 1	Número total de PE: 3	Número total de PE: 2	Número total de PE: 2
	Número total de SP: 3	Número total de SP: 1	Número total de SP: 0	Número total de SP: 1	Número total de SP: 0
	Número total de O:	Número total de O:	Número total de O:	Número total de O:	Número total de O:

	0	2	1	0	2
	Não respondeu: 0	Não respondeu: 0	Não respondeu: 0	Não respondeu: 1	Não respondeu: 0

Fonte: Autora (2025)

Analisando o quadro acima, é visto que há uma preservação alta da variedade pernambucana com a participante 3, a qual responde com 3 variantes lexicais pernambucanas. Apesar da participante 1 também responder com 3 variantes pernambucanas, ela apresenta mais consciência da variação linguística, a qual a posiciona, aparentemente, em uma manutenção parcial, pois ela utiliza as duas variantes. As participantes 2 e 4 se encaixam também na manutenção parcial, pois utilizam de uma forma distribuída as variantes pernambucanas e paulistanas. Já as participantes 3 e 5 não apresentam as variantes paulistanas em suas respostas.

Assim, os padrões mostram que as participantes migrantes desenvolveram uma identidade linguística cultural própria e complexa, marcada pela identidade nordestina em manutenção (ainda que com algum grau variado de acomodação), a qual se reflete diretamente na variação lexical.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender e analisar como o processo migratório de um grupo familiar nordestino, especificamente de Cupira (PE) para São Paulo (SP), influenciou a variação lexical das participantes e suas relações identitárias e culturais. A partir de uma metodologia qualitativa (Bardin, 2020), foi possível observar a relação entre linguagem, identidade e contexto social no fenômeno da plasticidade dialetal.

Os resultados apontaram que, apesar do longo tempo de residência em São Paulo e o contato com a variedade paulistana, a qual promoveu certo grau de acomodação linguística, a identidade linguístico-cultural nordestina permaneceu fortemente preservada. Essa manutenção se manifestou não apenas nas escolhas lexicais, mas também no orgulho em se reconhecer como pernambucana/nordestina.

A análise das categorias apresentou padrões distintos entre as participantes. As categorias de análise associadas ao vínculo com Cupira mostraram predominantemente avaliações positivas e neutras, especialmente nas dimensões de tradições e infância. Já as categorias associadas a São Paulo revelaram uma percepção ambígua: a cidade é vista como espaço de oportunidades econômicas, mas também é associada a criminalidade e correria.

No que diz respeito à variação lexical, verificou-se que as participantes alternam entre variantes nordestinas, paulistanas e outras. Essa alternância sugere que a plasticidade dialetal é dinâmica, permitindo às falantes utilizarem as variantes em diferentes situações, sem necessariamente abandonar sua variedade de origem, como é apresentada com a participante 1, que indica uma maior consciência linguística. Quando a participante expressa “lá em Pernambuco se diz *macaxeira*, mas aqui é *mandioca*”, demonstra não apenas consciência linguística, mas também a possibilidade da utilização das variantes sem a perda da identidade nordestina.

Assim, pode-se ver que o processo migratório não implicou diretamente em uma mudança identitária, mas em uma manutenção da identidade cultural e linguística das participantes. As participantes constroem um espaço linguístico no qual há memória do nordeste e, ao mesmo tempo, uma acomodação parcial às variantes paulistanas.

Em suma, esta pesquisa contribui para o entendimento de como a variação lexical reflete não apenas fenômenos linguísticos, mas também processos sociais e

afetivos ligados a migração, identidade e cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Isolete Pacheco Mezenes. **Atitudes linguísticas de nordestinos em são paulo**. 1979. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

BAENINGER, Rosana. São Paulo e suas migrações no final do século 20. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 84-96, jul. 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2020. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

ALiB: Atlas Linguístico do Brasil. Organizado pela Comissão Nacional do Projeto ALiB. Londrina: EDUEL, 2014. 3 v.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSK, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria N. de. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CONDEPE/FIDEM – Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco. *Planos territoriais*. Disponível em: <http://www.condepefidem.pe.gov.br/web/condepe-fidem/planos-territoriais>. Acesso em: 24 jun. 2025.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRAZ, Leonardo. **PALMAMIRIM**: um estudo sobre a plasticidade dialetal de migrantes baianos residentes no município de palmares paulista-sp. 2024. 109 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2024.

FIGUEIREDO, C. R. d. S. **Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso**. 2014. 299 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2014.

MEURER, Marcia. **O Português de migrantes sulistas no nordeste do Brasil**: Variação e mudança de marcas regionais no contato intervarietal. 2022. 344f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Univerisdade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2022.

MOLLICA, Maria Cecilia & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução À Sociolinguística**: O Tratamento Da Variação. São Paulo Contexto, 2003.

OUSHIRO, Livia. Avaliações e percepções sociolinguísticas. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S.L.], v. 50, n. 1, p. 318-336, 29 abr. 2021.. <http://dx.doi.org/10.21165/el.v50i1.3100>.

OUSHIRO, Liva. **Múltiplas variáveis na fala de nordestinos residentes em São Paulo**. In: BRESCANCINI, Cláudia Regina; MONARETTO, Valéria N. de Oliveira. Sociolinguística no Brasil: textos selecionados. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020. p. 121-153.

OUSHIRO, Livia; SILVEIRA, Gustavo de Campos Pinheiro da; SOUZA, Emerson Santos de; FERRAZ, Leonardo; MASSUCI, Iris; RUIZHI, Zhu; BARBOSA, Sarah Poli; OLIVEIRA, Almir Almeida de; FIGUEREIDO, Joana Gomes dos Santos. Estudos sociolinguísticos sobre contato dialetal: contribuições do VARIEM e agenda de pesquisa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 65, n. 00, p. e023021, 2023. DOI: 10.20396/cel.v65i00.8673331. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8673331>. Acesso em: 28 jun. 2025.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)**. 2013. 380 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SOUZA, Emerson Santos de. **A plasticidade dialetal de migrantes baianos na Região Metropolitana de São Paulo**. 2023. Tese (Doutorado) – IEL, UNICAMP, Campinas.

TARALLO, F. **Sociolinguística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

APÊNDICE A
(Adaptado de Souza 2023)

Parte 1 - Questões abertas

Bairro (aprox. 10 min.)

Objetivos: descobrir o “grau de enraizamento” do participante no bairro onde vive/outros bairros; descobrir padrões de sociabilidade nos diferentes bairros; descobrir o “grau de mobilidade” da pessoa.

1. Há quanto tempo você mora nesse bairro?

2. Você gosta de morar nesse bairro?
 - a. (Se o participante mora há bastante tempo) Como era o bairro antes/ quando você se mudou pra cá ? Mudou muito?
 - b. (Se o participante não mora lá há muito tempo, ou se nem sempre viveu ali) Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?

3. O que esse bairro tem de diferente de outros bairros em Cupira?

4. Aqui costuma haver festas do bairro? Existe algum lugar no bairro em que as pessoas se reúnem? (Dar exemplos para fazer a pessoa refletir, como: igreja, projetos sociais)

5. Você conhece seus vizinhos?

6. Se você precisar de ajuda, a quem você recorre? Se você ficar doente, a quem você pode pedir para tomar conta de sua família?

7. Já aconteceu alguma coisa aqui que te fez pensar em se mudar?

8. Hoje, tem algum outro bairro em que você gostaria de morar?

Infância (aprox. 5 min.)

Objetivos: falar sobre tópicos menos formais (em geral, as pessoas gostam de falar de sua infância); obter informações sobre grau de mobilidade do participante; obter informações sobre

9. E como foi a sua infância em Cupira? Você pode contar um pouco de como foi, o que você fazia...?

a. Brincava na rua/dentro de casa? Do que vocês brincavam?

b. Como eram os seus pais? Eram rígidos...? Você tinha horário para estar em casa?

c. Vocês tinham alguma tradição de família?

10. O que mais te marcou na sua época de escola? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir pra escola? Tem algum professor que te marcou? Até que série você estudou?

11. Você acha que a escola fornece aquilo que uma pessoa precisa para encontrar um emprego?

Família (aprox. 5 min.)

Objetivo: obter informações sobre rede social do participante, grau de enraizamento no bairro/cidade.

12. Você tem irmãos? (é possível que esta informação já tenha aparecido na parte sobre infância; neste caso, falar algo como: "Você disse que tem uma irmã ... Você tem outros irmãos?") Onde eles estão? O que fazem?

13. Onde seus pais nasceram?

14. Sua família também vive aqui na cidade de São Paulo ou em outra cidade do estado? (Se sim, em que bairros? Moram próximos? Se não, onde? Tem contato sempre?)

Motivos da migração e avaliação que o informante faz da comunidade anfitriã (aprox. 10 min.)

Objetivos: identificar os motivos que levaram o informante a migrar para São Paulo; saber como ocorreu o processo de instalação dele na comunidade anfitriã e observar as avaliações que ele faz dela.

15. Qual o motivo de você ter vindo morar em São Paulo?

16. Foi a primeira vez que você saiu da cidade em que você nasceu para morar em outra? (Se não) Quais foram as outras cidades e quanto tempo ficou por lá?

17. Alguma situação específica facilitou a sua vinda para cá? (família que já estava em São Paulo, trabalho já definido, estudos)

18. Você gosta de morar em São Paulo? (Se não) Em que lugar preferiria morar? Por quê?

19. O que você acha que caracteriza a cidade (tanto as coisas boas quanto ruins)?

20. O que você acha que caracteriza o paulistano (tanto as coisas boas quanto ruins)?

21. O que você mais gosta aqui?

22. O que você não gosta aqui? (a depender do tópico mencionado pelo participante violência, trânsito, poluição etc.– procurar explorar mais o assunto. P.ex.: você já foi assaltado? O que aconteceu? (para obter narrativa pessoal) O que o governo deve fazer pra solucionar esse problema? (para obter uma fala mais distanciada))

Trabalho/ocupação (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do participante; características socioeconômicas.

23. Em que você trabalha? É aqui por perto? (se não souber onde a pessoa trabalha)

24. Como você faz para chegar até lá? Quais meios de transporte você utiliza?

25. O que você faz? Faz tempo que você trabalha lá?

26. O que você mais gosta lá? E o que menos gosta?

27. Como é a sua relação com seus colegas?

28. Se você ganhasse na Mega Sena, o que você faria?

Lazer (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do participante; mobilidade na cidade; características socioeconômicas.

29. E nas horas de lazer, o que você e sua família gostam de fazer? (Se saem) Vão para quais lugares?

30. Você acha que São Paulo tem boas opções de lazer? Quais?

31. A maioria dos seus amigos mora aqui nesse bairro mesmo? (Se não) Onde?

32. Quais são seus amigos mais antigos?

33. Você costuma viajar? Para que lugares você já viajou? Que lugares gostaria de conhecer?

Percepção/avaliação/identidade pernambucana (aprox. 5 min)

Objetivos: saber como os migrantes avaliam a percepção que os paulistas têm a respeito da identidade pernambucana do migrante; obter informações sobre a avaliação que os pernambucanos fazem quando o migrante volta a Cupira.

34. Você falou que já foi para (x/y/z). Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era pernambucano? (Se sim) como elas percebiam?

35. Você gosta de ser identificado como pernambucano ?

36. Já sofreu algum preconceito por ser pernambucano ?

37. Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa é pernambucano/nordestina?

a. (Se sim) como você percebe? (Se o participante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas. É normal as pessoas não saberem definir o porquê, mas devemos tentar obter descrições mais detalhadas - “o que tem no sotaque nordestino”)

b. (Se não) Quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você percebe que ela é de lá pelo modo de falar?

38. Qual o sotaque do Brasil que você mais gosta? E tem algum que te irrita? Como são os outros sotaques que você já escutou, como o gaúcho, carioca, mineiro ?

39. Como é que fala o paulistano? Você gosta do modo como as pessoas falam aqui?

40. O que tem de diferente no modo de falar do Pernambuco e daqui?

41. Quando você vai a Pernambuco, as pessoas dizem que você está falando como paulista? (Se sim) O que eles percebem de diferente?

42. Você gosta de que eles digam que você está falando como paulista? Por quê?

43. Quem são as 10 pessoas com as quais você mais conversa?

44. Dessas 10 pessoas, há pernambucanos? Quantos?

Parte 2 - Questões fechadas

Questionário sobre o modo de vida (aprox. 10 min.)

1. Numa escala de 0 a 10, quanto você se considera pernambucano?

2. Numa escala de 0 a 10, quanto você já se considera paulista?

3. Numa escala de 0 a 10, quanto você se considera nordestino?

4. Numa escala de 0 a 10, quanto você acha que pernambucano é diferente de paulista?

5. Numa escala de 0 a 10, quanto você acha que seu jeito de falar é diferente das pessoas que nasceram na cidade de São Paulo?

6. Numa escala de 0 a 10, quanto você acha que os pernambucanos sofrem preconceito em São Paulo?

7. A maioria dos seus amigos aqui em São Paulo é do Pernambuco?
 - (a) nenhum amigo é;
 - (b) poucos são;
 - (c) metade é;
 - (d) a maioria é.

8. Você tem vizinhos pernambucanos?
 - (a) não;

(b) sim, alguns;

(c) sim, vários.

9. As pessoas com quem você trabalha são pernambucanas?

(a) não;

(b) sim, alguns;

(c) sim, vários.

10. As pessoas com quem você trabalha são de outro lugar do Nordeste que não seja do Pernambuco?

(a) não;

(b) sim, alguns;

(c) sim, vários.

11. Com que frequência você come cuscuz?

(a) nunca, porque não gosto;

(b) quase nunca;

(c) pelo menos uma vez por mês;

(d) pelo menos uma vez por semana;

(e) todo dia ou quase todo dia.

12. Com que frequência você come farinha de mandioca?

- (a) nunca, porque não gosto;
- (b) quase nunca;
- (c) pelo menos uma vez por mês;
- (d) pelo menos uma vez por semana;
- (e) todo dia ou quase todo dia.

13. Com que frequência você come carne do sol?

- (a) nunca, porque não gosto;
- (b) quase nunca;
- (c) pelo menos uma vez por mês;
- (d) pelo menos uma vez por semana;
- (e) todo dia ou quase todo dia.

14. Com que frequência você escuta forró?

- (a) nunca, porque não gosto;
- (b) quase nunca;
- (c) pelo menos uma vez por mês;
- (d) pelo menos uma vez por semana;
- (e) todo dia ou quase todo dia.

15. Qual dos temperos você mais gosta de usar em suas comidas?

(a) coentro;

(b) salsa;

(c) nenhum dos dois.

16. Com que frequência você fala com seus parentes e amigos que ficaram em Pernambuco?

(a) nunca ou quase nunca;

(b) às vezes;

(c) quase sempre.

17. Com que frequência você vai visitar seus amigos e familiares em Pernambuco?

(a) nunca ou quase nunca;

(b) com relativa frequência;

(c) uma vez por ano.

18. Há alguma tradição pernambucana que você faz questão de manter em São Paulo?

(a) sim (Quais?)

(b) não

Parte 3 - Questões semântico-lexicais (aprox. 5 min.)

1. Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

2. As frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e , normalmente, deixam um cheiro na mão?
3. Objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?
4. Aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?
5. Cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

Parte 1 - Questões abertas

Bairro (aprox. 10 min.)

Objetivos: descobrir o “grau de enraizamento” do participante no bairro onde vive/outros bairros; descobrir padrões de sociabilidade nos diferentes bairros; descobrir o “grau de mobilidade” da pessoa.

1. Há quanto tempo você mora nesse bairro?
2. Você gosta de morar nesse bairro?
 - a. (Se o participante mora há bastante tempo) Como era o bairro antes/ quando você se mudou pra cá ? Mudou muito?
 - b. (Se o participante não mora lá há muito tempo, ou se nem sempre viveu ali) Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?

3. O que esse bairro tem de diferente de outros bairros em Cumaru/Cupira?

4. Aqui costuma haver festas do bairro? Existe algum lugar no bairro em que as pessoas se reúnem? (Dar exemplos para fazer a pessoa refletir, como: igreja, projetos sociais)

5. Você conhece seus vizinhos?

6. Se você precisar de ajuda, a quem você recorre? Se você ficar doente, a quem você pode pedir para tomar conta de sua família?

7. Já aconteceu alguma coisa aqui que te fez pensar em se mudar?

8. Hoje, tem algum outro bairro em que você gostaria de morar?

Infância (aprox. 5 min.)

Objetivos: falar sobre tópicos menos formais (em geral, as pessoas gostam de falar de sua infância); obter informações sobre grau de mobilidade do participante; obter informações sobre

9. E como foi a sua infância em Cumaru/Cupira? Você pode contar um pouco de como foi, o que você fazia...?
 - a. Brincava na rua/dentro de casa? Do que vocês brincavam?
 - b. Como eram os seus pais? Eram rígidos...? Você tinha horário para estar em casa?
 - c. Vocês tinham alguma tradição de família?

10. O que mais te marcou na sua época de escola? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir pra escola? Tem algum professor que te marcou? Até que série você estudou?

11. Você acha que a escola fornece aquilo que uma pessoa precisa para encontrar um emprego?

Família (aprox. 5 min.)

Objetivo: obter informações sobre rede social do participante, grau de enraizamento no bairro/cidade.

12. Você tem irmãos? (é possível que esta informação já tenha aparecido na parte sobre infância; neste caso, falar algo como: “Você disse que tem uma irmã ... Você tem outros irmãos?”) Onde eles estão? O que fazem?

13. Onde seus pais nasceram?

14. Sua família também vive aqui na cidade de São Paulo ou em outra cidade do estado? (Se sim, em que bairros? Moram próximos? Se não, onde? Tem contato sempre?)

Motivos da migração e avaliação que o informante faz da comunidade anfitriã (aprox. 10 min.)

Objetivos: identificar os motivos que levaram o informante a migrar para São Paulo; saber como ocorreu o processo de instalação dele na comunidade anfitriã e observar as avaliações que ele faz dela.

15. Qual o motivo de você ter vindo morar em São Paulo?

16. Foi a primeira vez que você saiu da cidade em que você nasceu para morar em outra? (Se não) Quais foram as outras cidades e quanto tempo ficou por lá?

17. Alguma situação específica facilitou a sua vinda para cá? (família que já estava em São Paulo, trabalho já definido, estudos)

18. Você gosta de morar em São Paulo? (Se não) Em que lugar preferiria morar? Por quê?

19. O que você acha que caracteriza a cidade (tanto as coisas boas quanto ruins)?

20. O que você acha que caracteriza o paulistano (tanto as coisas boas quanto ruins)?

21. O que você mais gosta aqui?

22. O que você não gosta aqui? (a depender do tópico mencionado pelo participante violência, trânsito, poluição etc.– procurar explorar mais o assunto. P.ex.: você já foi

assaltado? O que aconteceu? (para obter narrativa pessoal) O que o governo deve fazer pra solucionar esse problema? (para obter uma fala mais distanciada))

Trabalho/ocupação (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do participante; características socioeconômicas.

23. Em que você trabalha? É aqui por perto? (se não souber onde a pessoa trabalha)

24. Como você faz para chegar até lá? Quais meios de transporte você utiliza?

25. O que você faz? Faz tempo que você trabalha lá?

26. O que você mais gosta lá? E o que menos gosta?

27. Como é a sua relação com seus colegas?

28. Se você ganhasse na Mega Sena, o que você faria?

Lazer (aprox. 5 min.)

Objetivos: obter informações sobre rede social do participante; mobilidade na cidade; características socioeconômicas.

29. E nas horas de lazer, o que você e sua família gostam de fazer? (Se saem) Vão para quais lugares?

30. Você acha que São Paulo tem boas opções de lazer? Quais?

31. A maioria dos seus amigos mora aqui nesse bairro mesmo? (Se não) Onde?

32. Quais são seus amigos mais antigos?

33. Você costuma viajar? Para que lugares você já viajou? Que lugares gostaria de conhecer?

Percepção/avaliação/identidade pernambucana (aprox. 5 min)

Objetivos: saber como os migrantes avaliam a percepção que os paulistas têm a respeito da identidade pernambucana do migrante; obter informações sobre a avaliação que os pernambucanos fazem quando o migrante volta a Cumaru/Cupira.

34. Você falou que já foi para (x/y/z). Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era pernambucano? (Se sim) como elas percebiam?

35. Você gosta de ser identificado como pernambucano ?

36. Já sofreu algum preconceito por ser pernambucano ?

37. Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa é pernambucano/nordestina?

a. (Se sim) como você percebe? (Se o participante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas. É normal as pessoas não saberem definir o porquê, mas devemos tentar obter descrições mais detalhadas - “o que tem no sotaque nordestino”)

b. (Se não) Quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você percebe que ela é de lá pelo modo de falar?

38. Qual o sotaque do Brasil que você mais gosta? E tem algum que te irrita? Como são os outros sotaques que você já escutou, como o gaúcho, carioca, mineiro ?

39. Como é que fala o paulistano? Você gosta do modo como as pessoas falam aqui?

40. O que tem de diferente no modo de falar do Pernambuco e daqui?

41. Quando você vai a Pernambuco, as pessoas dizem que você está falando como paulista? (Se sim) O que eles percebem de diferente?

42. Você gosta de que eles digam que você está falando como paulista? Por quê?

43. Quem são as 10 pessoas com as quais você mais conversa?

44. Dessas 10 pessoas, há pernambucanos? Quantos?

Parte 2 - Questões que envolvem escalas

Questionário sobre o modo de vida

1. Numa escala de 0 a 10, quanto você se considera pernambucano?

2. Numa escala de 0 a 10, quanto você já se considera paulista?

3. Numa escala de 0 a 10, quanto você se considera nordestino?

4. Numa escala de 0 a 10, quanto você acha que pernambucano é diferente de paulista?

5. Numa escala de 0 a 10, quanto você acha que seu jeito de falar é diferente das pessoas que nasceram na cidade de São Paulo?

6. Numa escala de 0 a 10, quanto você acha que os pernambucanos sofrem preconceito em São Paulo?

7. A maioria dos seus amigos aqui em São Paulo é do Pernambuco?

8. Você tem vizinhos pernambucanos?

9. As pessoas com quem você trabalha são pernambucanas?

10. As pessoas com quem você trabalha são de outro lugar do Nordeste que não seja do Pernambuco?

11. Com que frequência você come cuscuz?

12. Com que frequência você come farinha de mandioca?

13. Com que frequência você come carne do sol?

14. Com que frequência você escuta forró?

15. Quais temperos você mais gosta de usar em suas comidas?

16. Com que frequência você fala com seus parentes e amigos que ficaram em Pernambuco?

17. Com que frequência você vai visitar seus amigos e familiares em Pernambuco?

18. Há alguma tradição pernambucana que você faz questão de manter em São Paulo?

Parte 3 - Questões semântico-lexicais:

1. Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

Resposta: Chuva de granito - PE; Granizo - SP

2. As frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e , normalmente, deixam um cheiro na mão?

Resposta: Laranja-cravo - PE; Mexerica -SP

3. Aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

Resposta: Macaxeira - PE; Mandioca - SP

4. Cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

Resposta: Cacho - PE; Penca - SP

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

- Participante da Pesquisa -

Dados de Identificação

Título da pesquisa: VARIAÇÃO LEXICAL A PARTIR DA MIGRAÇÃO DE NORDESTINOS PARA SÃO PAULO

Pesquisadora responsável: Taíse Simioni

Pesquisadora participante: Anna Carolina da Silva Ferreira

Nome do participante:

Telefone (WhatsApp) do participante:

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), da pesquisa **Varição lexical a partir da migração de nordestinos para São Paulo**, de responsabilidade das pesquisadoras Taíse Simioni e Anna Carolina da Silva Ferreira. Leia cuidadosamente o que segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, e no caso de aceitar fazer parte do nosso estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra às pesquisadoras responsáveis. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com as pesquisadoras ou com a instituição. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhuma penalidade.

Ao ler os itens abaixo, você deve declarar, ao final desse documento, se foi suficientemente esclarecido(a) sobre as etapas da pesquisa.

1. Esta pesquisa tem por objetivo analisar a variação lexical a partir do contato entre as variedades nordestinas e paulistanas. Para isso, analisaremos algumas palavras que você pode usar e se, com a saída de Pernambuco e a vinda para São Paulo,

houve alguma alteração. Desta forma, esta pesquisa ajuda a entender como as pessoas podem modificar as palavras que usam em função de se mudarem de um lugar para outro.

2. A sua participação nesta pesquisa consistirá na aplicação de um questionário, respondido oralmente, em um local que você escolherá. Neste momento, estarão presentes apenas a pesquisadora participante e você. O tempo estimado para a aplicação do questionário é de 50 a 60 minutos. O questionário inclui perguntas sobre a sua vida em Pernambuco e em São Paulo e sobre que palavras você usa para chamar alguns objetos. A aplicação do questionário será gravada em áudio/som.

3. Durante sua participação na pesquisa, poderão ocorrer riscos mínimos, como constrangimento ao responder questões que envolvem informações pessoais, cansaço e desconforto com a gravação em áudio/som. É importante que você saiba que nenhuma questão é obrigatória, portanto você pode se recusar a responder qualquer uma, sem precisar dar explicações. Em caso de cansaço, a aplicação do questionário será interrompida, para que você descanse, ou será remarcada para outro dia, caso prefira. Sobre a gravação, somente as pesquisadoras terão acesso a ela. Além disso, quando os resultados forem divulgados, nenhuma informação que permita a sua identificação será dada. Além disso, levando em consideração a possibilidade de vazamento de dados, a gravação da aplicação dos questionários e sua transcrição serão armazenados, em arquivos de áudio e texto, respectivamente, mas somente terão acesso a eles as pesquisadoras responsáveis. Este material será apagado da nuvem/rede e será guardado em dispositivo eletrônico próprio/local, por pelo menos 5 anos. Finalizado este prazo, os materiais serão destruídos de forma segura, de modo a preservar a privacidade das informações coletadas.

4. Ao participar dessa pesquisa você contribuirá, de forma indireta, para a compreensão sobre como e por que as pessoas podem modificar as palavras que usam em função de se mudarem de um lugar para outro.

5. Sua participação neste projeto terá a duração prevista de 50 a 60 minutos.

6. Você não terá nenhuma despesa por sua participação na pesquisa, sendo a aplicação do questionário totalmente gratuita, e deixará de participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerá qualquer prejuízo.

7. Você foi informado(a) e está ciente de que não receberá dinheiro ou outra gratificação, por sua participação, no entanto, caso você tenha algum gasto com transporte para participar da pesquisa (dependendo do local escolhido), terá direito a ressarcimento.

8. Caso ocorra algum dano, previsto ou não, decorrente da sua participação no estudo, você terá direito à assistência integral e imediata, de forma gratuita, garantida pelas pesquisadoras responsáveis, pelo tempo que for necessário; e terá o direito a buscar indenização.

9. Será assegurada a sua privacidade, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo(a), será mantido em sigilo. Caso você deseje, poderá ter livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da sua participação.

10. Você foi informado(a) que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados da pesquisa poderão ser publicados/divulgados através de trabalhos acadêmicos ou artigos científicos por profissionais da área.

11. Você receberá um vídeo explicativo contendo os resultados gerais da pesquisa. O número de WhatsApp que você fornecerá será usado exclusivamente para que tenha acesso aos resultados.

12. Conforme o item III.2, inciso (i) da Resolução CNS 466/2012 e o Artigo 3º, inciso IX, da Resolução CNS 510/2016, é compromisso de todas as pessoas envolvidas na pesquisa de não criar, manter ou ampliar as situações de risco ou vulnerabilidade

para os indivíduos e coletividades, nem acentuar o estigma, o preconceito ou a discriminação. Considerando que a pesquisa precisará da gravação da sua voz, torna-se necessário a autorização. Sendo assim:

AUTORIZO () / NÃO AUTORIZO () a coleta de som de voz para a presente pesquisa.

14. Você poderá consultar a pesquisadora Taíse Simioni, no seguinte telefone: (53)999339441, incluindo ligações a cobrar, ou email: taise.simioni@unifal-rs.edu.br, e/ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas (CEP/UNIFAL-MG*), com endereço na Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, Centro, Cep - 37130-000, Fone: (35) 3701 9153, no e-mail: comite.etica@unifal-mg.edu.br sempre que entender necessário obter informações ou esclarecimentos sobre o projeto de pesquisa e sua participação.

**O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas (CEP/UNIFAL-MG) é um colegiado composto por membros de várias áreas do conhecimento científico da UNIFAL-MG e membros da nossa comunidade, com o dever de defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento científico dentro de padrões éticos.*

Eu, _____, declaro ter sido informado(a) e concordo em participar, como voluntário(a), do projeto de pesquisa acima descrito.

(Cidade), (dia) de (mês) de (ano)

.....
..... (Assinatura do(a) participante da pesquisa)

.....

(Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável / pesquisador(a) participante)